

# A MEMORIA

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Redacção e impressão, Typographia SILVA CALDAS  
Rua da Rainha, 120

Responsavel  
Domingos José da Silva

GUIMARÃES, DOMINGO 30 DE DEZEMBRO DE 1900

## O SECULO XIX

**E**xtinguem-se amanhã as decantadas *luzes* do seculo XIX, e ninguem, ao que parece, se arreceia de transportar, á vista desarmada, os escurentados humbraes do seculo que se avizinha. Os supersticiosos não o recebem festivos por se apresentar com cara de terça-feira, dia aziago, dia fatidico. Esquecem-se de que o agonisante entrou á segunda-feira das almas sem comtudo podermos dizer d'elle o que ainda agora se diz do governo de Octavio, filho de Caio general romano!

E' bem certo que nada influem nos destinos da humanidade os dias do nascimento dos annos ou dos seculos.

Somos nós, quasi sempre, a causa efficiente dos males que nos affligem. O proposito d'uns, a negligencia d'outros e a ambição de todos, contribuem inquestionavelmente para o que denominamos infelicidades da vida.

O novo seculo, composto de um par de dezenas, ha de ser o coveiro de quem conseguir saudal-o! Pagar-nos-a d'este modo como todos os seculos futuros, porque lá vae e não volta mais o tempo em que a nossa vida terrena se prolongava por mais de um centenario.

Progride tudo, até mezmo o definhamento da pobre humanidade!

E vae de todo perdida a esperança

de se obstar a este horrivel crescendo da estatistica mortuaria; ou, pelo menos, da decadencia physica. A sciencia medica reconhece a impossibilidade de se evitarem estes tristissimos progressos da epocha presente, porque a causa está na alimentação viciada e na permatura libertinagem dos que bem cedo hão de constituir familia.

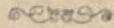
Ninguem hoje conseguirá pôr termo á propagação do mal.

Vamos pois entoar ao seculo que morre o *requiescat in pace*, para que não mais nos lembre o seu cortejo de horrores, e simultaneamente apresentemos os nossos cumprimentos de boas vindas ao que nasce, sob maus augurios, para que o seu predomínio seja suave e amigo.

A fim de que d'este periodo a centessima parte denominada civil perdesse a differença de dias que havia entre os annos tropico e sideral, ordenou Julio Cesar o acrescmentamento de um ao fevereiro de cada quatro annos, sendo por isso o ultimo d'estes quatro designado bissexto. Restavam porém 11 minutos e 8 segundos de differença entre o civil e o tropico, os quaes, ao cabo de quatro seculos, prefasiam 3 dias; por isso Gregorio XIII, no anno de 1582, deu definitivamente a cada anno civil 365 dias, 5 horas, 49 minutos e 12 segundos.

Quando em 22 de setembro de 1792 foi proclamada a republica em França, tentou-se o estabelecimento da *era republicana*.

## Cautela!



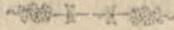
Andava no Paraiso  
Eva, um dia, a passear.  
Diz-lhe a serpente: «é preciso  
Que vejas todo o pomar...»  
Que bella fructa eu diviso  
No meio, alli, de tentar!...»  
E num sarcastico riso:  
«Vem commigo, anda a provar!...»

Mas depois... era «a perdida»  
Que andava pobre, abatida,  
Cheia de remorso e dores.

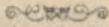
Donzella cheia de graças,  
Tem cautela, quando passas  
Por demonios tentadores...

IV—VIII—99.

SILVA GONÇALVES.



## Poétas mortos



(Continuado do n.º 13)

Hamilton d'Araujo, era, como já disse, muito alegre, muito franco e muito leal; gostava porém, e muito, de pregar a sua pêta, pêtas inoffensivas é claro e cujas, geralmente, recaiam sobre elle pe'a troça que lhe faziamos quando ellas eram demasiadamente calvas.

Quando estavamos reuvidos em o nosso Club—porque nós tinhamos um Club, do qual mais adiante fallarei—e viamos entrar como uma bomba o nosso Hamilton dando enormes passadas, os braços abertos e as abas do pardessus a voar, punhamo-nos logo de pé atraz; e quando o Hamilton ia abrir a bocca para *comer* as collegas ouvia-se a voz do Coimbra;

—Tem cautella, Hamilton, não vás fazer desabar o tecto.

E o Hamilton estacando, exclamava colerico;

—Mau! ahi começa! Imaginas que são todos como tu, meu trapalhão? Pois enganaste.

Depois, voltando-se para nós e não querendo de fórma nenhuma deixar de impingir o carapetão, exclamava: ai, rapazes! Este—ai, rapazes—era sempre o começo d'uma tremenda mentira.

Mas, o mais engraçado é que elle teve a habilidade de nos enganar, ou antes, de nos comer durante um mez, chovendo todos os dias as pêtas como o granizo em tarde de tempestade. Era tal a seriedade e habilidade que o Hamilton tinha para inventar que quem o não conhecesse e o ouvisse imaginava estar ouvindo ler um trecho da Escripura! Para que os leitores façam uma pequena ideia da habilidade d'elle e vejam se eram capaz de cair ou não, como nós, ouvindo o Hamilton, vou nar-

rar-lhes algumas das melhores pêtas com que elle nos *mimoseou* no começo do nosso conhecimento.

Um dia, estavamos todos reunidos no jardim da Escola depois de terminar a aula de philosophia regida pelo nosso sempre sympathico mestre Basilio Telles, quando appareceu o Hamilton, esbaforido, cansado, suado.

—Que é? que foi? perguntamos.

—Ai, rapazes, que desgraça! que enorme desgraça! balbuciou elle abanando a cabeça e com um semblante de enterro.

—Mas desembucha para ahi, gritou o Alexandre Braga impaciente, és maçador como um jumento!

Esquecia-me dizer que o Hamilton quando se dirigia a um grupo de pessoas, embora tivesse a intimidade do—tu—com todas ellas, fallava sempre na segunda pessoa do plural.

—Ouvi, Vós conheceis a linha americana a vapor que vai da Boavista até a Foz? Pois foi ahi, pr'a lá da Fonte da Moura, que se deu a horrivel catastrophe!

Excusado será dizer aos meus presados leitores que todos estavamos suspensos dos labios do narrador. Este continuou;

—Eu vinha da Foz no segundo carro palestrando com o Pinto da Costa acerca dos sonetos de Bocage quando repentinamente ouvimos uma grande gritaria e innumerous apitos de machina. Chago á janella e que vejo? Na mesma linha avancava para nós a toda a velocidade outro comboio! Os machinistas dão contra-vapor sem resultado, os empregados apertam os travões, alguns passageiros atiram-se á linha e... de repente—*pumba!* um choque medonho, espantoso, horrivel!! As machinas levantam-se como ao uma lucta de titans e caem para o lado exaustas, despedaçadas pelo embate, vomitando columnas de vapor e jactos d'agua fervente e mistura com pó de carvão.

Os carros, esmagados, em estilhas formavam um montão de destroços horripilantes, porque aqui e ali, divisavam-se membros humanos, despojos sangrentos... um horror! Como me salvei eu e o Pinto da Costa d'essa hecatombe? Não sei.

Já se encontraram 16 mortos e 22 feridos, alguns de gravidade!

Nós commovidissimos ao ouvir tão pathetica narrativa gritamos;

—Quando foi isso?

—Agora mesmo, venho de lá! Ide vêr, rapazes, ollhai que vale a pena.

E lá fomos nós todos a correr para o local do sinistro, percorrendo á *pata* a distancia que yae da rua do Pinheiro á Fonte da Moura—mais d'uma legua—porque n'esse tempo as nossas bolsas de estudante não davam para o luxo de gastar 80 reis n'um americano.

Chegados á Fonte da Moura ficamos com caras de parvo quando vimos que o Hamilton tinha estado a caçoar com a tropa! Era tudo uma refinadissima mentira!

A' noite, no Club, quando principiámos á descompostura ao Hamilton por nos ter enganado, respondeu elle imperturbavel:

—Vocês desculpem, rapazes, mas eu não tive culpa de os enganar...

Grande gritaria acolheu estas palavras.

—Mau! Assim ninguem se entende, e não posso dar explicações com tal barulho! Agora ouvi: eu, esta manhã, almocei muito bem; depois deitei-me a descansar, veio o somno e souhei com o choque de comboios na Fonte da Moura. Acordando sob a impressão do pesadelo, tão capacitado de que tudo me tinha succedido realmente, corri esbaforido a contar-vos essa imaginaria desgraça. Só depois de vós terdes partido é que eu caí em mim, quero dizer, é que eu verdadeiramente acordei!

Esta explicação foi dada com tanta naturalidade e nós éramos todos tão parvos, que acreditámos e não percebemos, senão muito tempo depois, que o Hamilton nos tinha enganado duas vezes no mesmo dia!!

Arca.  
20—12—900.

(Continúa)

VASCO LEÃO.



## O TEU RETRATO

(A' P. B...)

Vou retratar-te como hoje te vira.  
Ao som da lyra tu serás cantada,  
Mas não ha phrase que descreva á altura  
A formosura de que és dotada.

Pretos cabellos e a tez morena,  
Boca pequena qual botão de rosa,  
Olhos castanhos e a testa breve,  
Dentes de neve, cutis setinosa.

Braços bem feitos, a mão pequenina,  
Cinta franzina, o corpo um primor.  
Mas, retratar-te? ... Como pode ser,  
Se não és mulher, mas sim gentil flor? ...

Guimarães, dezembro de 1900.

J. T. S.

## Diploma de veterano

passado ao caloiro

Adelino P. Basto no dia da sua emancipação  
(2—Junho—900)

O' caloiro das sãs Philosophias  
Que vaes passar de palha a comer trigo!  
Da vil escravidão em que jazias  
Te vem a libertar o Ponto amigo!  
E p'ra que saibas—o que não sabias!—  
Ser-lhe grato, com gran poder te digo:  
—De lembrança te fique eternamente  
O dia em que começas a ser gente!

Coimbra.  
1900.

FERALDO FLAVIO.

## MORTA!...

~\*~\*~

Morta aos dezeseite annos, morta quando a vida, quando a luz, quando a esperança lhe entreabriam o porvir matisado de rosas, perfumado pelas seivas ardentes das flores rubras mas candidas do amor!...

Morta!...Morta mal lhe despontava no horisonte a coroa immaculada da sua alma pura e santa! Morta quando o seu coração desabrochava em effluvios d'um amor desordenado e louco!...

Eu vejo-a ainda. Vejo-a no seu thalamo juncado de lirios. A sua imagem etheria, vaporosa e branca parece uma petala immensa d'um jasmim phantastico!...

Tão linda é branca, tão radiosa é pura e arrasta-a o tufão tremendo da morte atroz!

Como poderam as mãos negras e lugubres da morte estrangular nos seus dedos de aço o colo eburneo, puro, immaculado e sagrado d'aquella criança?!

Como pôde ella, a figura torpe e feia da morte horrenda e cavilosa espezinhar a flor candida, a alma innocente e sacrosanta d'aquella virgem tão cedo arrebatada aos páramos infinitos d'um amor feliz, para tão cedo cair nas negras convulsões e estorcimentos dolorosos d'uma agonia na primavera da vida!

Sarcasmo cruel!...O amor mostra-lhe a felicidade ao mesmo tempo que a morte lhe mostra o tumulo! Quer a vida, quer amar e ser feliz e resvala nas lages frigidias d'uma tumba sombria!...Sarcasmo cruel!...

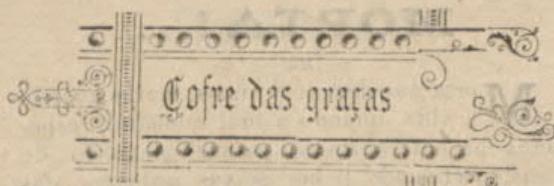
Lembras-te, Laura? Eu tinha jurado, uma tarde, ao depôr sobre a lage do teu tumulo as ternas irmãs queridas da tua alma, as rosas que neste mundo choram a tua perda, tinha jurado que jamais os meus labios corruptos profanariam, pronunciando-o, o teu nome, Laura! Lembras-te? A tua recordação ficaria indelevel, mas para sempre sepultada no intimo do meu coração. Mas vês, não pude; o teu nome sobe-me aos labios sem que eu tenha forças para o suster no peito.

Ouve, Laura, uma confidencia minha. Eu quiz esquecer-te. Quiz apagar a visão horrosa do teu corpo lacteo e pudico corroido pelos vermes infectos d'essa campa em que jazes fria e insensivel ás lagrimas que n'ella verto. Quiz, mas não pude. Perdoas-me Laura? Olha, já algumas vezes foram fenecidas as rosas que no teu tumulo tenho desfolhado. Oh! mas não temas, não temas, Laura, que eu esqueço aquelle dia terrivel em que tu nas convulsões da tua agonia me prometias o hymeneu sagrado lá em cima, no ceu!...

Oh! quem me dera, Laura, quebrar esse marmore que te cobre e morrer abraçado ao teu corpo immaculado e branco.

16—12—900.

ANTHISTENES.



## Cofre das graças

Fazem annos as ex.<sup>mas</sup> sr.<sup>as</sup> :  
1901.

Janeiro 3—D. Elisa dos Anjos Fernan-  
des.

» 4— D. Lucinda Olympia da Cos-  
ta Rocha.

## CONTRASTE<sup>(1)</sup>

Para as senhoras de Guimarães.

Diz o bom hespanhol Ribadaneyra  
Que Nicolau foi bispo antigamente,  
Quando Roma opprimia a terra inteira,  
Numa triste cidade do Oriente;

Que passou uma vida bem singela  
Tendo a virtude por divisa e mote,  
Atirando o seu oiro, p'la janella,  
A's virgens pobres que não tinham dote;

Escendendo de todos, cuidadoso,  
As dadivas immensas que fazia,  
Que até o mesmo pobre venturoso  
Quem lhe dera ventura não sabia...

Como somos diversos do santinho  
Nós que agora dizemos festejal-o !  
Como foge do seu este caminho,  
Que nós hoje trilhamos com regalo !

Nicolau, alta noite, ás escondidas  
Presentes de valor distribuia,  
E nós as nossas dadivas perdidas  
Vimos trazel-as pela luz do dia.

Elle, pois que o movia a Caridade,  
Somente contemplava as pobresinhãs,  
E nós, pelas ruas da cidade,  
Somos voluveis como ventoinhas.

A's senhoras ideaes de loira trança,  
De ondeante perfil, de graça alada  
E um tão meigo sorriso de creança  
Que recordam figuras de ballada,

A's moreninhas de cabello preto  
E olhar mais negro do que a mesma treva,  
Que nos seduz como o que é justo e recto  
E como o que é doçura nos enleva,

A's rulvas de madeixas eôr do fogo  
E olhar azul como um tranquillo mar,  
A's do trança castanha, aonde logo  
Se conhece a modestia a trahbordar,

<sup>(1)</sup> A poesia que segue, composta para umas festas de Guimarães, só em Guimarães pode ser comprehendida, e su tel-a-la deixado na folha volante em que foi espalhada se não quizesse corrigil-a de uns tristes erros com que sahiu por desgraça minha e d'ella...

A todas entregamos a maça  
Que rubra como é bem symbolisa  
Um pedaço arraneado no coração,  
E sobre o qual o sangue inda deslisa.

Se Nicolau viesse n'este dia  
Cuidava-nos uns doidos sem juizo,  
E ao ver as maças recordaria  
A primeira traição do Paraizo.

Perdoa Nicolau, ó doce encanto  
Se como tu nós nunca procedemos !...  
Fizeste offeras porque foste santo,  
E nós, porque o não sómos, as fazemos.

J. de Meira.



## VARIÉDADES

### JARDIM PUBLICO

A banda regimental executará hoje, se o tempo o permittir, da 1 ás 3 horas da tarde, o programma seguinte :

#### 1.<sup>a</sup> Parte

Hymno Nacional.  
Claro de Luna—Mazurka.  
Cabo 1.<sup>o</sup>—Zarzuella—Chappy.  
La que está de Diós—Barbieri.

#### 2.<sup>a</sup> Parte

Parle—walsa—Ardite.  
Cavallaria Rusticana—Mascagne.  
Caprice—Polka.  
Le Tage—Ordinario.

## BIBLIOGRAFIA

### LAGRIMAS D'ALMA

POR

Arnaldo Pereira.—GUIMARÃES, MCM.

*Rosencrantz*—We think not so, my lord.  
*Hamlet*—... there is nothing either good or  
bad, but thinking makes it so...  
Shakespeare

Publicar versos, ó poetas, que loucura !

Assim escrevia, reincidindo no peccado de os dar a estampa, o poeta Affonso Lopes-Vieira na dedicatória de o *Naufrago*, e assim eu murmurei quando se me deparou o volume de Arnaldo Pereira, cujo frontispicio berrante como o arco-iris, impresso a vermelho, amarello, verde e azul tinha um ar de banalidade atroz que me irritava; porém, apenas o folheei á pressa, logo disse de mim para mim, que o auctor fizera muito bem em publicar as suas rimas.

Como a maioria dos nossos poetas contemporaneos (eu ia dizer a totalidade, pois que ha annos a esta parte poesia alegre e jocunda só achei numa copilação de versos fora do mercado, as *rimas de ironia alegre* de Garcia Monteiro, acoriano residente em Boston) Arnaldo Pereira escreveu um livro triste, O titulo hybrido de *Lagrимas d'Alma* o está indicando, antes mesmo de as paginas cortadas.

Todos em vida tem dores physicas e dores moraes, mesmo aquelles que como Leibnitz e o *Pangloss* de Voltaire ousam affirmar que vivemos no melhor dos mundos

possíveis. Homens ha, fortes, ricos e sãos, mas de uma sensibilidade por tal modo hyperstesiada que os menores contratempos se lhes tornam insupportaveis males.

D'estes, enquanto que uns soffrem as dôres serenamente dizendo como Hamlet: *What should a man do, but be merry?* outros seguindo o conselho do velho Goethe que disse—*Faze da tua dôr um poema*, desentranham-se em volumes e folhetos, e desgraçados de nós se um d'estes taes consegue eternisar n'uma obra d'arte o seu grito doloroso porque espalha assim pelo futuro a semente terrivel de novas dores, profundas, incommensuraveis, eternas.

E d'este modo as dôres que antigamente deram ao mundo os deuses que o governaram (porque os gerou o terror, como affirma Petronius Arbitrator:

*Primus in orbe deos fecit timor...*

e o medo não é mais que a dôr do amor de si mesmo) estão lhe agora dando toda a poesia.

Arnaldo Pereira pertence ao numero de esses para quem as palavras de Goethe foram como boa semente lançada em terra fertil.

Faz-se mister porem, não acreditar demasiado nas tristezas de este e de outros poetas porque já o disse Denys Catão:

*Multa legas facitor prelectis, negliges multa;  
Nam miranda canuat, sed non credenda poetae.*

*Lêde muito, mas esquecei muito do que lerdes, porque os poetas cantam maravilhas, mas não são dignos de crédito.*

Hoje em dia já não se metrificam, como outr'ora, coisas maravilhosas, mas rimam-se tristezas, a que é necessario, para nosso bem, dar o desconto que o moralista latino aconselhava nas primeiras.

Não quer isto dizer que imagine postizas as dôres de Arnaldo Pereira e simplesmente rethoricas as suas apostrophes ao mundo; creio firmemente que elle pode exclaimar como Verlaine:

*Le malheur a percé mon vieux cœur de sa lance,*

mas creio também que algumas de suas dôres são apenas poesia, o que equivale a dizer—são apenas imaginação.

A religião, constatando a tyrannia iniludivel dos males humanos e querendo explicar a sua existencia, que lhe pareceu injusta, creou essa historia complicada de um lugar de incomparaveis delicias que o primeiro casal humano habitou e de onde foi expulso pela condemnação terrivel que disse á mulher: *In dolore parties filios*; ao homem: *In sudorivultus tui vesceres pane*. E a Sciencia, depois de tantos seculos de observação aturada e paciente, repete, com Malthus e com Darwin que somente se pode viver comendo o pão que o suor inundou. Mas os poetas, homens que vivem só pela imaginação e não presentem a verdade, comprazem-se em idealisar futuros ridentes, castellos phantasticos aos quaes a triste realidade vae minando os fundamentos e cuja derrocada pesa mais aos desgraçados phantasticos, do que um verdadeiro castello medieval, que lhes cahisse sobre o peito.

E' então ao ver ruir as illusões mais queridas que elles, como Anthero, o maior de todos invocam a

*Morte libertadora inviolavel*

a quem também poderiam chamar *consolatrix afflictorum* esse appellativo doce que os crentes, em suas litánias, deram a Maria, mãe de Jesus.

Uma crise d'estas soffreu Arnaldo Pereira e chegou mesmo ao extremo de descajar a morte, o que mal foi porque desejava é muito peor do que soffrer-a e feliz do que morre antes do a ter imbecionado:

*Mori est felicitate antequam mortem invocet*

como escreveu Publius Syrus nas suas Sententiae.

D'este estado de espirito dá-nos testemunho a poesia *Alma em Sonhos* dedicatória do livro *A um Ideal* em que nos conta como

*Desses vastos castellos construidos  
De nill visões e de illusões divinas,  
Em breve derrubados, demolidos  
P'lo nada de que foram construidos  
Não restaram senão breves ruinas.*

e as quintilhas *O meu soffrer* em que desalentadamente interroga a desventura que o perssegue e deseja o eterno descanso

de um cemiterio como um buddhista desejaria a anniquilação e a paz do Nirvana.

Esse ideal, que guia o poeta como aquella estrella da lenda ingenua outr'ora conduzia os pastorinhos á morada de Jesus recém-nascido e a quem elle confia os seus vinte e dois annos, é que o sustem na ingreme ladeira do desespero e se, uma ou outra vez, também elle o faz soffrer, as torturas do amor são um soffrimento tão doce que Fernão Velho poeta do Cancioneiro do Vaticano dizia n'uma das suas trovas:

*Gradesc a deos que mi faz a mayor  
Coiza do mundo aver por mha senhor...*

\* \* \*

O livro dividido em duas partes—*Lyras dispersas* e *Clarões sombrios* tem alem das dedicatorias, do Prologo do auctor e do Prefacio de Neves Pereira, uma Introducção em verso—*As almas crentes* que principia assim:

*O' pombas virginaes repletas d'esperanças,  
Que sorrindo a lagacis as faces das creanças  
E assim as envolveis nos lábios clarões  
Do relucente sol das vossas illusões!  
Pombas cheias de paz! Almas ébrias de luz  
Em que sorriem bons os beijos de Jesus,  
E que em noites de lua, azues, silenciosas  
Regues da santa creença as perfumadas rosas!*

Esta poesia de alexandrinos sonóros e bem acabados tem o pequeno defeito de se parecer com a poesia *As mães* de Guilherme Braga nas *Heras* e *Violetas*.

*O' santas que emballaes o berço das creanças,  
E assim lh'o revestis de flores esperanças!  
Que andaes sempre a cuidar das almas por abrir,  
E a verter-lhes no seio o germen do porvir!*

e com a poesia *Aos Simples* de Guerra Junqueiro na *Velhice do Padre Eterno*:

*O' almas que viveis puras, immaculadas  
Na torre do luar da graça e da illusão,  
Vós que inda conservaes, intactas, perfumadas,  
As rosas para nós ha, tanto desfolhadas  
Na aridez sepulchral do nostro coração!  
Almas, filhas da luz das manhas harmoniosas,  
Da luz que acorda o berço e que entrecobre as rosas,  
Da luz olhar de Deus, da luz, benção d'amor,  
Que faz rir um nocturno ao pé de cada abelha,  
E faz cantar um ninho ao pé de cada flor!*

Eu não quero insinuar que Arnaldo Pereira tivesse plagiado os auctores citados; o plágio é coisa muito diversa, e nos seus versos só distingo uma reminiscencia, talvez inconsciente, mas que todavia lhe prejudica o merecimento.

As poesias *Trovas*, *O mar*, *O ultimo Adeus* e *A teus pés*, escriptas em oitavas de redondilha menor, deram-me a desgraçada impressão de terem sido rimadas ha cinquenta annos e são, nie pareço, as peores do volume.

Em compensação os sonetos sempre bem feitos attingem por vezes uma certa belleza como o intitulado *Ruinas*.

N'um dos seus mais plasticos sonetos, Anthero de Quental soltava esse desalentado brado:

*Ai de mim! ai de mim! e quem sou eu?*

Tambem o auctor das *Lagrmas d'Alma* se interroga na poesia *Quem sou eu?*... para encontrar em si mesmo esta resposta triste:

*Sou o trovador solitário  
Sem luz, sem patria, sem lar,  
Que tem por canto um gemido,  
Que em cada sonho perdido  
Encontra um novo pensar*

*Seu esse doido innocente  
Cujos ritos d'avarrou,  
Que hoje apenas vê, gelado,  
Um suspiro envenenado  
Em cada flor que sonhou.*

A poesia *Sol...* (44 quintilhas) tem tal abundancia de reticencias que eu contei-lhe 124 e esse erro houve foi para menos.

Os alexandrinos *Meu pai* são como os da poesia *As almas crentes* prejudicados pela semelhança com os de Junqueiro. Quando a gente lê:

*Meu pai!... Ai que saudade eu tenho d'esses dias  
Cheios de vida e sol, do tempo em que sorriás,  
Como num céu azul, sereno, illuminado,  
Sorri um astro puro, um astro immaculado...*

recorda-se mesmo sem querer de isto:

*Minha mão, minha mãe! ai que saudade immensa,  
Do tempo em que ajoelhava, orando, ao pé de ti.*

Na poesia *Insensibilidade*, Arnaldo Pereira, entre outras coisas diz á mulher que adorou:

Se tu soubesses como estou mudado  
Talvez de mim fugisses... como outr'ora!  
Que eu mesmo ás vezes fujo horrorizado,  
Vendo o que no meu ser se passa agora...

Baudelaire sentiu tambem este horror de si mesmo que é a mais poderosa manifestação do Tédio, e uma enfermidade infelizmente bem vulgarisada, quando exclamou:

Ah! Seigneur! Donnez-moi la force et le courage  
De contempler mon cœur et mon corps sans dégoût!

Não posso detalhar as impressões que recebi da leitura de cada uma das poesias e limito-me por isso a dizer que o livro em geral me agradou e me alegrou, por ver que as letras de Guimarães não valem tão pouco como pareciam querer indicar os *Dias de Inverno* de Carvalho Junior ha um anno sabidos do mesmo prelo de onde vieram agora as *Lágrimas d'Alma*.

Termino sem dar conselhos ao auctor, como o faria a maioria dos criticos ridiculamente pretenciosos, porque me estou lembrando de certa fabula de Loqman o auctor arabe que mereceu ser citado no Korão.

Conta elle que um miseravel mosquito pousou nas hastes de um touro possante e, julgando pesar-lhe muito, fallou assim:—Se te incomodo diz, para eu sair. Ao que o touro respondeu serenamente:—Quem quer que sejas não dei fé de tua chegada nem provavelmente a darei de tua sahida.

Ora os meus conselhos era decerto para Arnaldo Pereira tão futeis como o peso do mosquito para o touro do conto arabe.

Que S. Ex.<sup>a</sup> receba, em vez d'elles as minhas felicitações e os protestos de uma sincera estima que em mim nasceu n'aquella hora em que o vi apanhar serenamente, um formidavel coice do Destino,—digamos Destino para fugir á vergonha de confessar que elle veio de mais perto.

## VIDA E AVENTURAS ADMIRAVEIS DE Rubinson Crusóé

Recebemos da Empreza Editora do Atlas de Geographia Universal, os fasciculos n.º 1 a 6 do formosissimo romance inglez *Vida e aventuras de Rubinson Crusóé* que constará d'um unico volume com cerca de 650 paginas e 60 gravuras, impresso em bom papel e no formato in-4.º grande, sendo o seu custo total, não obstante o luxo com que é feita esta edição, apenas de 2\$000 réis approximadamente.

A distribuição é feita aos *fasciculos* semanaes de 16 paginas, alternadamente illustrados com uma bella gravura de pagina, impressa em separado e em papel superior, ou 2 gravuras intercaladas no texto e uma capa, pelo preço de 50 réis; ou ás *séries* mensaes brochadas, contendo 5 fasciculos com paginas, illustradas com 7 ou 8 gravuras, sendo 2 ou 3 de pagina impressas em separado e em papel superior, e uma capa illustrada pelo preço de 250 réis. Pode assignar-se n'esta redacção.

A Empresa offerece tambem a todos os senhores assignantes no fim da obra

### Um precioso BRINDE

que constará de uma bonita estampa propria para emmoldurar, reproducção fiel d'um dos mais valiosos quadros existentes no nosso Museu Nacional de Bellas-Artes.

## Chronica vimaranense

Passou o natal e aproxima-se de nós o fim do seculo.

O natal, a festa genuinamente familiar, que tem sido sempre celebrada pelas pennas mais conspicuas, permite, todos os annos, fallar dos seus costumes como uma cousa nova, ou como se fôra um acontecimento em primeira mão.

Das festas do anno é esta a que por todos os titulos se torna mais curiosa nas differentes provincias, pela maneira como os povos a celebram.

E aqui, oh! festa querida e desejada, n'este abençoado jardim á beira d'Ve plantado, és o terror do bacalhau e das batatas, dos olhos de couve, dos *mexidos e das ranadas!*

Como te querem bem aquelles que esperam os seus! E aquelles que são esperados como trazem o coração em pulsações de intima alegria!

E's indubitavelmente a mais querida das festas de familia; és um dia dos que mais fazem vibrar as cordas do coração humano: uns porque se veem rodeados pelos filhos que ha muito não tinham essa consolação suprema; outros porque vão gosar puros sorrisos para mitigar saudades, saudades que são um poema, poema que é todo feito de amor e amor que teve principio no precioso coração dos paes, esse altar idolatrado, de afagos e de caricias.

A festa do natal não quiz passar sem nos dar, no dia 26, considerado ainda homologo, uma nota saliente e desastrada.

Não vá pensar o leitor que a tal nota é d'aquellas que agora terminam e que tem de ser trocadas até ao dia de amanhã; não, não é d'essas, porque as taes continuam o seu giro; foi uma nota calmante, de fogo, sinistra, com uma fumarada deveras asfixiante, que veio alvoroçar a cidade, chamando o soccorro dos Voluntarios para a casa do Priorado.

A nota discordante das festas, teve assim o seu principio: O sr. Gaspar Antonio Pereira Guimarães, tinha armazenado, n'uma loja do Priorado, ao rez do chão, lado norte, uma porção de enxofre moído e em pedra, e juntamente tinha tambem algumas pipas de vinho para seu consumo. Mandando alli, já de noite, tirar vinho por um rapaz, este de tal forma se descuidou com a luz que o incendio tornou-se uma realidade!

O sino da Oliveira deu o signal de incendio e os Bombeiros Voluntarios e o povo correram prestes a esse indicio tra-

balhando aquelles com denodo até ao amanhecer.

Não houve outros prejuizos a não ser o enxofre e algum arame que estava junto. Consta-nos que nada estava no seguro.

O tempo, o tempo que passa e não volta, quer, agora no fim do anno e do seculo, despedir-se de nós com cara de sentimento, pois a chuva veio tornar tristes estes dias alegres, em que os nossos conterraneos, vindo passar aqui as festas, davam á cidade um realce verdadeiro e festivo! Assim a chuva obriga ao recolhimento, e as festas vão passando tendo por coveiro o fim do seculo e n'este seculo nem mais uma!

ARMANDO D'OLIVEIRA.

## A MEMORIA

### Preço da assignatura

Cada trimestre (sem estampilha)...	300
"    "    "    (com estampilha)...	350
Numero avulso.....	50
Annuncios, reclames, communica- dos na 6. <sup>a</sup> , 7. <sup>a</sup> e 8. <sup>a</sup> paginas, linha....	40
Annuncios permanentes, contrato espe- cial.	

Accusa-se a recepção de quaesquer publicações, quando enviados 2 exemplares.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Albano Pires de Souza.

COMPANHIA NACIONAL EDITORA

Antiga casa DAVID COPAZZI

BIBLIOTHECA

HORAS ROMANTICAS

Collecção de obras litterarias e scientificas dos melhores auctores antigos e modernos, nacionaes e estrangeiros  
100 REIS CADA VOLUME

Romance, poesia, theatro, arte, historia, critica

Edições esmeradamente revistas, traducções confiadas aos melhorss escriptores

Publicação quinzenal aos volumes de 160 a 200 paginas a 100 réis o volume,

Está publicado o 1.<sup>o</sup> vol. *QUO VADIS* traducção de Eduardo Noronha.

Assigna-se na redacção d'*A Memoria*.

## ANNUNCIOS

### ADVOGADO

Antonio R. Leite da Silva

Abre o seu escriptorio no dia 7 de Janeiro, na rua de Santo Antonio, 95.

## EDITOS DE 30 DIAS

(2.<sup>a</sup> Publicação)

PELO Juizo de Direito d'esta comarca e cartorio do escrivão abaixo assignado, se anda procedendo a inventario orfanologico por fallecimento de Bernardino Carneiro de Mattos, casado e morador que foi na rua do Medico, freguezia de São Miguel das Caldas, d'esta comarca, no qual é inventariante a viuva D. Anna Ferreira, que tambem usa o nome de D. Anna Ferreira de Mattos, residente na dita rua; e no mencionado inventario correm editos de trinta dias, que começarão a contar-se da data da ultima publicação d'este, a citar o coherdeiro, filho do inventariado, Manoel Carneiro de Mattos, solteiro, de dezoito annos de idade, residente em parte incerta dos Estados Unidos do Brazil, para assistir a todos os termos até final do alludido inventario.

Guimarães, 10 de dezembro de 1900.

Verifiquei.

*Fernandes Braga.*

O escrivão do 5.<sup>o</sup> officio,

*Joaquim Ignacio d'Abreu Vieira.*

## PHARMACIA

DE

### ALBERTO MOURÃO

PHARMACEUTICO PELA UNIVERSIDADE

Rua de Payo Galvão

(Proximo á Estação dos Bombeiros Voluntarios)

### GUIMARÃES

N'esta pharmacia aviam-se medicamentos a toda a hora do dia e da noite, sob a inspecção do proprio pharmaceutico.

## Publicações litterarias

Tratado pratico de Therapeutica moderna, por Oliveira Castro e Cardia Pires.

Consta de um volume, sendo a edição da Empreza litteraria e Typographica, rua de D. Pedro, 178—Porto.

Preço . . . . . 1\$500 reis

ARNALDO PEREIRA

## LAGRIMAS D'ALMA

1 volume de poesias, preço 500 reis

Pedidos ao auctor

Guimarães

CURSO PARTICULAR  
PARA AMBOS OS SEXOS

Este estabelecimento de ensino primario obteve, na presente epocha de exames d'instrucção primaria, o seguinte resultado:

Maria Magdalena Moura de Noronha Araujo, distincta.

Maria da Conceição Pereira da Motta, distincta.

Anna Candida Pinto, 14 valores—approveda.

Antonio Jeronymo Lopes da Cunha, 14 valores—approvedo.

Os professores d'este estabelecimento recebem em sua casa alumnos internos e externos, não se poupando a sacrificios para que elles obtenham, no menor espaço de tempo, o maior aproveitamento possivel, como provam pelas classificações obtidas e acima mencionadas.

As aulas são completamente separadas para os dois sexos, e continuam permanentes.

LARGO DA OLIVEIRA  
(CASA VENANCIO)

Os professores,

*Narciza Rodrigues Leite.*  
*José Leite Mendes.*

# TYPOGRAPHIA

DE

ALBANO PIRES DE SOUZA  
ANTIGA SILVA CALDAS

120—Rua da Rainha—122—Guimarães

Impressão de bilhetes de visita desde 120 reis o cento; circulares, facturas, mapas, memoranduns, acções, cheques, envelopes timbrados e todos os mais impressos para commercio, camaras municipaes, administrações de concelho, repartições de fazenda, juntas de parochia, irmandades e cartorios; rotulos para pharmacia e para vinho; cartas funebres; programmas e bilhetes de espectaculos; recibos e diplomas para associações.

Trabalhos typographicos em todos os generos, desde o mais pequeno ao maior formato.

Preços de todas as obras sem competencia.  
Carimbos de borracha, metal e madeira.